



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO
E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

MÉRCIA RODRIGUES DA SILVA

**UM NOVO OLHAR PARA INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA: Conhecer, aprender e ser para incluir**

CAMPINA GRANDE, PB

2015

MÉRCIA RODRIGUES DA SILVA

**UM NOVO OLHAR PARA INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA: Conhecer, aprender e ser para incluir**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva

CAMPINA GRANDE, PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586n Silva, Mércia Rodrigues da.

Um novo olhar para inclusão escolar de alunos com deficiência [manuscrito] : conhecer, aprender e ser para incluir / Mércia Rodrigues da Silva. - 2015.
25 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Primeira Licenciatura em Pedagogia do PARFOR) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.

"Orientação: Prof. Dr. Valdecy Margarida da Silva, Secretaria de Educação à Distância".

1. Inclusão escolar. 2. Formação docente. 3. Deficiência. 4. Processo ensino/aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 371.12

MÉRCIA RODRIGUES DA SILVA

**UM NOVO OLHAR PARA INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM
DEFICIÊNCIA: Conhecer, aprender e ser para incluir**

Trabalho de Conclusão do Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia.

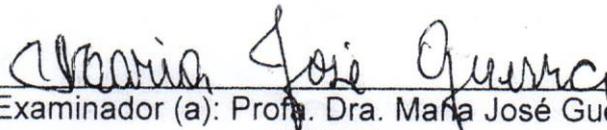
Data de avaliação: 01 / 08 / 2015

Nota: 9,5

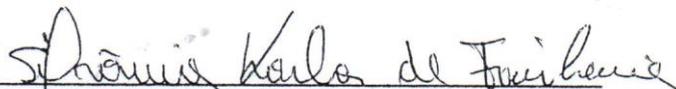
BANCA EXAMINADORA



Orientador(a): Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva
(UEPB)



Examinador (a): Profa. Dra. Maria José Guerra
(UEPB)



Examinador (a): Profa. Ma. Silvânia Karla de Farias Lima
(UEPB)

Dedico este trabalho às crianças que alegraram e deram sentido a minha vida durante o período da realização do Curso. Aos professores com quem compartilho minhas experiências e meu desejo de realizar com amor a missão de ensinar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores com quem pude buscar inspiração e ampliar meus conhecimentos.

Aos meus colegas com quem tive oportunidade de trocar tantas experiências eficazes na ação de ensinar.

A todos os amigos que desde o início contribuíram e animaram minha caminhada, acreditando, incentivando e, assim, tornando possível a conclusão do meu Curso.

RESUMO

O presente estudo retrata as experiências vivenciadas por ocasião do estágio supervisionado em docência no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no qual ressaltamos a possibilidade de dedicar novos olhares à educação de alunos com deficiência. Discute-se a necessidade de criar estratégias no propósito de tornar a sala de aula um espaço inclusivo, de tal maneira que alunos com ou sem deficiência possam interagir mutuamente. O estudo teve como objetivo discutir a importância de se fortalecer o processo ensino/aprendizagem de estudantes com deficiência, a partir de ações colaborativas que resultem em práticas educacionais inclusivas. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa participante na Escola Estadual Augusto dos Anjos, nas turmas de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, no turno da manhã. Os resultados evidenciaram a importância da interação entre alunos com e sem deficiência, além do interesse destes por aprender o método Braille, (sistema tátil de leitura e escrita utilizado pelas pessoas com deficiência visual). Observou-se, ainda, a carência de formação docente voltada às especificidades destes sujeitos e identificou-se o interesse e o envolvimento de alguns docentes com esta prática, o que resultou em experiências positivas de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão escolar. Formação docente. Deficiência.

ABSTRACT

This study reports the experiences lived during the teaching stage, in which highlight the possibility to dedicate new looks to education of students with disabilities. From this perspective, the need to create strategies in order to make the classroom an inclusive space is discussed, so that students with or without disabilities can interact each other. This research aimed to strengthen the teaching/learning process of students with disabilities, from collaborative actions that result in inclusive educational practices. To this end, a participatory research in state school Augusto dos Anjos was developed, in groups of 2 to 5 years of elementary school in the morning shift. The results showed the interaction between students with and without disabilities, in addition to the interest of these to learn the Braille method (tactile reading and writing system used by the visually impaired), target audience attended by this school. It is further noted, by First, the lack of teacher training directed to the specific characteristics of these students. However was identified the interest and the involvement of some teachers with this practice, which resulted in positive experiences of learning. With the realization of this research is expected to provide faculty and staff, students with and without disabilities and society in general, a grant more than assist in reflections and consequently the construction of an inclusive school.

KEYWORDS: School inclusion, Teacher training, Students with disabilities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2 A EXPERIÊNCIA DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS	12
2.1 Gestão escolar	12
2.2 Educação Infantil	13
2.3 Educação Fundamental	15
3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS	17
3.1 Caracterizando o lócus da pesquisa	18
3.2 Dados em análise	18
3.2.1 ATIVIDADES REALIZADAS NA TURMA DO 2º ANO	19
3.2.2 ATIVIDADES REALIZADAS NA TURMA DO 3º ANO	20
3.2.3 ATIVIDADES REALIZADAS NA TURMA DO 4º ANO	21
3.2.4 ATIVIDADES REALIZADAS NA TURMA DO 5º ANO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO

Atualmente, são crescentes, seja em âmbito local, seja no cenário internacional, as discussões, como também a implementação de políticas públicas que procuram assegurar a oferta de educação de qualidade e para todos. Diante de tal realidade, muitos são os desafios a serem enfrentados pelo sistema educacional, no caso o brasileiro, a fim de efetivar este direito garantido pela constituição de 1988 e pelos demais documentos que a sucedem.

A necessidade de ampliar a participação da família no cotidiano escolar, além das condições financeiras precárias dos estudantes, foram problemáticas vivenciadas nos estágios I e II, momentos que serão melhor detalhados no segundo capítulo do presente trabalho. A inquietação que deu origem a essa pesquisa surgiu do fato de já atuarmos na educação especial, o que nos levou a questionar se a formação docente voltada ao ensino de estudantes com deficiência seria adequada. Além disso, intervimos na comunidade escolar a fim de propor estratégias que viessem a ajudar nos mais diversos segmentos, em busca de gerar uma consciência de que, na medida em que são propostas atividades que envolvam alunos com e sem deficiência, surgem resultados surpreendentes que evidenciam a possibilidade real de construir uma escola onde todos e todas, independentemente de suas diferenças, ocupem seu lugar.

Iniciamos o estudo apresentando, à luz dos estudiosos da área da educação inclusiva, reflexões teóricas relacionadas à educação de estudantes com deficiência visual. Posteriormente, tecemos considerações acerca das experiências vivenciadas no decorrer dos estágios. A seguir, apresentamos o percurso metodológico, destacando método, objetivo, locus e população investigada na presente pesquisa, o que culminará com a análise dos dados que será feita com base no referencial teórico utilizado para a construção do estudo. Por fim, fizemos nossas considerações finais acerca da temática investigada.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos a visão de alguns estudiosos acerca da Educação Inclusiva, tema central de nossa pesquisa, a qual tem como foco o conceito de deficiência e as práticas inclusivas que deverão ser adotadas dentro e fora da escola, visando o respeito e a valorização das diferenças.

Atualmente, é possível afirmar que é crescente a luta no propósito de romper com a visão de deficiência enquanto doença. Agora, todas as pessoas com deficiência são reconhecidas como sujeitos de direitos e a deficiência, mais que em seus membros, está nas barreiras que limitam a participação destes indivíduos na vida em sociedade. Neste sentido, pode-se compreender que as pessoas com deficiência possuem plenas possibilidades de conviver e aprender junto com os demais estudantes no ambiente escolar.

No Brasil há um conjunto de leis inspiradas em documentos internacionais, tais como: A Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (UNO, 2006), que instituem a política de Educação Inclusiva. Tal processo é defendido inicialmente na Constituição de 1988, em cujo artigo 208 (inciso 3) assegura o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (BRASIL, 1988).

Posteriormente, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), artigo 53, diz que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), artigos 58-60, além de uma série de outras leis específicas para pessoas com deficiência, abordam a urgência da inclusão escolar. Este princípio é reforçado pelo Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado para o decênio 2014-2024, o qual, em sua meta quatro, estabelece:

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2001).

Ainda segundo o PNE, para alcançar esses objetivos, a família e a escola devem receber apoio e orientação no propósito de auxiliar na compreensão do processo de desenvolvimento da criança com deficiência, visando contribuir com a formação integral destas pessoas. Nesse processo, o professor, seja no ensino regular, seja no atendimento educacional especializado, exerce papel determinante, uma vez que as experiências vivenciadas na escola são essenciais no processo de desenvolvimento de qualquer criança, tenha deficiência ou não (BRASIL, 2001). Afinal, como vem nos dizer Tanaka (2009),

É inegável a necessidade de se adotar procedimentos metodológicos, além de recursos pedagógicos e materiais específicos no processo de aprendizagem destes alunos, oferecendo-lhes oportunidades de vivenciar experiências concretas, a fim de desenvolver suas potencialidades (TANAKA, 2009, p. 132).

Uma vez seguras e conscientes de seu potencial, elas poderão participar das diversas atividades propostas pelo professor, mesmo que algumas necessitem ser adaptadas. À criança com deficiência, deve ser possibilitado o conhecimento sobre o mundo que a cerca, antes mesmo de sua chegada à escola, pois antes desta etapa, a criança com ou sem deficiência traz consigo uma série de informações, complementadas com a introdução e contato com a leitura e a escrita. Por isso, é importante que o professor respeite o conhecimento anterior de seus alunos. Desta forma, “para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem” (GLAT, 2007. p.16).

O objetivo da proposta de educação inclusiva é oferecer ao aluno possibilidades de ingresso e permanência, com sucesso, na escola. Para tanto, a adoção de uma pedagogia de projetos, a realização de processos de avaliação contínua, a vivência de conteúdos contextualizados, como também a utilização de ambientes favoráveis, são algumas dentre as iniciativas que possibilitam a construção de escolas inclusivas.

É importante considerar que o paradigma da escola inclusiva somente é defendido porque há ainda uma significativa parcela da população, entre as quais as pessoas com deficiência, que permanecem à margem, ou seja, que se mantêm

excluídas dos sistemas escolares. Neste sentido, há que se considerar a explícita associação que ainda hoje se faz entre deficiência e incapacidade, o que resulta no distanciamento destas pessoas da convivência nos diversos espaços regulares da sociedade.

De acordo com Ferreira (2006, p. 1), “as pessoas que nascem com deficiência, ou as adquirem ao longo da vida, são continuamente privadas de oportunidades”. Diante do que vimos, consideramos que a inclusão escolar e social de um estudante com deficiência não se dará apenas pela aprendizagem da leitura e da escrita, necessita, pois, ser complementada por meio de vivências curriculares ou extracurriculares, que as ajude no desenvolvimento pleno de sua autonomia.

2 A EXPERIÊNCIAS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Após acompanharmos durante anos o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência e observarmos o modo como são tratadas questões relativas a espaços, recursos didático-pedagógicos, formação docente, entre outras, decidimos, então, nos dedicar a buscar informações e práticas que pudessem ajudar gestores, pais, professores e aos próprios alunos a serem incluídos de forma adequada e eficaz nas escolas e, conseqüentemente, na sociedade.

Neste capítulo apresentamos uma síntese das experiências vivenciadas ao longo dos três estágios supervisionados: Gestão Escolar, Educação Infantil e Ensino Fundamental, os quais foram determinantes para a consolidação da pesquisa apresentada neste trabalho de conclusão de curso.

2.1 Gestão escolar

O Estágio Supervisionado I em Gestão Escolar foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rivanildo Sandro Arco-verde, situada no bairro do Presidente Médice, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Ele teve como objetivo oportunizar a observação da gestão escolar, seu cotidiano e as atividades concernentes à equipe técnica realizadas na escola.

Nossas principais constatações consistem no fato de que a escola sequer em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) contempla a questão da inclusão de alunos com deficiência, objeto de nosso estudo. O que se constata na prática é que, por parte da gestão escolar, esta preocupação somente ocorre após a chegada de um aluno com deficiência à escola. Não havendo estratégias metodológicas para recebê-lo, nem ao menos uma organização prévia para sua chegada, ou seja, uma preparação do corpo docente para atender às peculiaridades desses discentes.

Durante o estágio pudemos conhecer o funcionamento da escola e todos os seus espaços: salas de aula, sala de recursos, secretaria, cozinha, pátio, sala de professores onde realizamos as entrevistas. Além disso, conhecemos o trabalho de toda equipe multiprofissional da escola, composta por: assistente social, orientadora educacional, supervisora, psicóloga, além da gestora. Durante a realização das

entrevistas, pudemos constatar o empenho de cada um dos integrantes desta equipe, no propósito de dar o melhor de si para o bom funcionamento da escola.

Percebemos, ainda, que o fato de a escola se localizar num bairro tranquilo onde as famílias são estruturadas, acesso a educação, cultura e lazer, os desafios são menores e mais fáceis de serem solucionados do que em outras realidades sociais. Observamos este fato, por exemplo, na reunião de pais em que observamos, na qual estiveram presentes quase 100% dos pais convocados, os quais participaram ativamente da reunião.

Como resultado das observações, foi proposta a elaboração de um projeto para fortalecer o trabalho com as famílias. No referido projeto, sugerimos encontros de sensibilização, orientação e lazer com os pais a fim de que pudessem acolher as informações oferecidas, aproveitando a eficiência do trabalho já desenvolvido na escola. Nosso projeto propôs momentos de sensibilização respeitando a religião de cada um, músicas, vídeos e palestras relacionadas ao tema família, momento para troca de experiências entre os pais que enfrentam dificuldades com seus filhos, e orientação de profissionais que possam ajudar nesse momento, e por fim confraternização entre eles.

2.2 Educação Infantil

Através das experiências vividas no Estágio Supervisionado II em Educação Infantil, realizado na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cícero Virgínio, localizada a Rua Manoel Mota, 745, no Bairro Bodocongó, na cidade de Campina Grande, Paraíba, pudemos constatar que, embora no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não houvesse ações voltadas para lidar com o público composto por alunos que possuem algum tipo de deficiência, estes recebiam igual acompanhamento por parte dos professores. Vale ressaltar que os docentes de que falamos aqui são aqueles que trazem experiências de outras escolas, o que nos mostra que a formação e o conhecimento de práticas inclusivas são fundamentais para que todos sejam acolhidos no ambiente escolar independentemente de qualquer diferença.

Diferente do que observamos no estágio anterior, esta escola se localiza num bairro de periferia da cidade, onde a maioria das famílias não tem oportunidade de

trabalho digno, estando diretamente ligada a marginalidade o que, ao nosso ver, torna a educação de seus filhos ainda mais desafiadora.

Todavia, tal fato não se constituiu como obstáculo à realização do projeto: “Brincando, construindo e aprendendo com materiais reciclados”, que resultou em nossa experiência de estágio. A escolha desta temática teve como objetivo proporcionar às crianças a construção de seu próprio brinquedo, com material reciclado trazido de suas casas, uma vez que, a maioria não possuía brinquedo algum. Além da confecção dos brinquedos, as crianças aprendiam os conteúdos curriculares e eram motivadas a descobrir a importância do cuidado e valorização do meio ambiente.

O nosso estágio foi realizado na turma onde atuamos como docente, o que para nós foi significativo, já que conhecíamos de perto as necessidades e especificidades de cada um de nossos alunos. Assim, como conteúdos curriculares, trabalhamos: cores, números de 1 a 5, vogais, cantigas infantis, dentre outros. Além disso, procuramos desenvolver as diversas habilidades estabelecidas nos Referencias Curriculares Nacionais da Educação Infantil (RECNEI).

Fotografia 1: Alunos da Educação Infantil



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cícero Virgínio
Fonte: da autora

Fotografia 2: Alunos com seus brinquedos



Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Cícero Virgínio
Fonte: da autora

Ao final, constatamos que a experiência foi, ao mesmo tempo, emocionante e gratificante. Emocionante pelo fato de vermos a alegria e o sorriso no rosto de cada aluno ao manusear os brinquedos que eles mesmos produziram. Gratificante por ver que houve resultados satisfatórios na aprendizagem, já que os discentes interagem

positivamente em cada um dos conteúdos propostos. Assim foi possível trabalhar o conteúdo de forma dinâmica e promover o aprendizado.

2.3 Educação Fundamental

De maneira especial, destacamos a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado III: Educação Fundamental, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos, localizada na Rua Paraíba, S/N, no bairro da Liberdade, na cidade de Campina Grande, Paraíba. Nesta etapa, tomamos a decisão de realizar nosso estágio numa escola que de fato contemplasse nossa área de interesse: educação inclusiva. Assim, havia nesta instituição alunos com deficiência em diversas salas de aula, inclusive na turma do 2º ano, onde desenvolvemos nosso estágio.

O fato de já existirem, há alguns anos, alunos com deficiência na escola, possibilitou a comunidade escolar amadurecer muitas ideias, desmistificar preconceitos, criar muitos projetos e fazer a inclusão realmente acontecer. Graças a atitudes ousadas e ao mesmo tempo sensíveis à causa da educação inclusiva, a gestão e o corpo docente da escola assumiram uma parceria com o Instituto dos Cegos de Campina Grande e desde o ano de 2007 passaram a receber e incluir com êxito alunos com deficiência visual. Fruto dessa parceria, a escola tem recebido diversos benefícios, tais como: acessibilidade em rampas e banheiros adaptados, recebimento constante de livros didáticos e paradidáticos em Braille e escrita ampliada, jogos e materiais pedagógicos inclusivos diversos, além de computadores e escâner com voz e impressora Braille.

A escola também avança em seu processo organizacional, uma vez que já possui Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Plano Pedagógico Inclusivo, os quais contemplam alunos com diversas deficiências. Os referidos projetos foram produzidos pela equipe pedagógica dos anos letivos de 2010 e 2011, sendo revistos a cada ano pela equipe que comanda a escola.

Nesta instituição, constatamos que, tanto na sala de aula, seja em atividades individuais ou em atividades de grupo, como também nos eventos coletivos, havia presença de alunos com deficiência visual e intelectual, que eram respeitados e

convocados para uma participação ativa no cotidiano da escola. Percebemos então, que é necessário orientar toda comunidade escolar, a fim de que ofereçam uma educação acessível e de qualidade a todos. Nesse sentido, a partir do momento em que conhecemos as especificidades de nossos alunos e procuramos adequar nossa metodologia de trabalho em função de suas necessidades, acreditamos que é possível contribuir com sua aprendizagem, independente deste possuir ou não uma deficiência, fortalecendo com isso, o processo de Educação Inclusiva.

Fotografia 3: Páscoa na escola



Escola Municipal de Ensino Infantil e
Fundamental Cícero Virgínio
Fonte: da autora

Fotografia 4: Aluno com deficiência



Escola Municipal de Ensino Infantil e
Fundamental Cícero Virgínio
Fonte: da autora

Assim, buscar informações e organizar momentos de formação para cada seguimento da comunidade escolar, foi uma forma de mostrar aos pais, funcionários, professores e principalmente aos alunos, que a inclusão é possível.

3 PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, descrevemos os caminhos percorridos no decorrer do presente estudo, apresentando objetivos, lócus, população, como também considerações acerca do método utilizado para pesquisa. Por fim, apresentamos os dados coletados na pesquisa os quais serão analisados com base no referencial teórico utilizado para construção do estudo.

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo que, de acordo com Minayo (1999, p.22) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, com valores, crenças, o que corresponde a um espaço dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis”.

Esta abordagem metodológica foi determinante para clarificar o problema que motivou a realização da pesquisa, que se refere ao olhar dos docentes em relação à como lidar com estudantes com deficiência no cotidiano escolar, a fim de fortalecer o processo de ensino/aprendizagem dos mesmos a partir de ações colaborativas que resultem em práticas educacionais inclusivas.

A população investigada foi constituída pelos professores e alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos, todos provenientes do turno da manhã, nas turmas de 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Ao analisar as diversas possibilidades teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa, identificamos na pesquisa participante a que melhor corresponde aos objetivos deste estudo, porque esta metodologia, como nos assinala Brandão (1999), constitui como um tipo de investigação que se compromete com a plena participação de todos os envolvidos na comunidade sob estudo e na análise de sua realidade. Ainda, de acordo com este autor:

a pesquisa participante é um processo de pesquisa no qual a comunidade participa na análise de sua própria realidade, com vistas a promover uma transformação social em benefício dos que são oprimidos. Portanto, é uma atividade de pesquisa educacional orientada para a ação (BRANDÃO, 1999, p. 169).

A seguir apresentamos informações acerca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos, lócus da presente pesquisa. Consideramos relevante o olhar para o espaço onde se realizou o estudo, tendo em vista que esse

olhar nos oferece elementos que auxiliam na compreensão com relação aos dados obtidos.

3.1 Caracterizando o lócus da pesquisa

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos foi inaugurada no dia 25 de Fevereiro de 1963 e reconhecida pelo decreto número 3.184 publicado no Diário Oficial. Esta instituição iniciou suas atividades atendendo aos filhos dos funcionários da extinta Sociedade Algodoeira do Nordeste (SANBRA). Após a desativação da SAMBRA, o Estado assumiu a responsabilidade do prédio, dos funcionários e da escola como um todo. Recebeu este nome em homenagem ao ilustre poeta paraibano Augusto dos Anjos, hoje considerado o “Paraibano do Século”.

Graças a atitudes ousadas e ao mesmo tempo sensíveis a causa da educação inclusiva, a gestão e o corpo docente da escola assumiram uma parceria com o Instituto dos Cegos de Campina Grande e, desde o ano de 2007, passaram a receber e incluir com êxito alunos com deficiência visual. Fruto dessa parceria, a escola tem recebido diversos benefícios, tais como: acessibilidade em rampas e banheiros adaptados, recebimento constante de livros didáticos e paradidáticos em Braille e escrita ampliada, jogos e materiais pedagógicos inclusivos diversos, além de escâner com voz e impressora Braille.

A escola também avança em seu processo organizacional, uma vez que já possui Plano Político Pedagógico (PPP) e o Plano Pedagógico Inclusivo, que contemplam alunos com diversas deficiências. Os referidos projetos foram produzidos pela equipe pedagógica dos anos letivos de 2010 e 2011, sendo revistos a cada ano pela Equipe Atual.

3.2 Dados em análise

A presente pesquisa foi executada numa perspectiva de promoção da interação entre os alunos com e sem deficiência, como também com os funcionários e professores que integram as diversas turmas do turno da manhã da Escola Estadual de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos. Para tanto, as ações ocorreram ao longo de quatro semanas, sendo um dia por semana em cada turma,

culminando com um momento de socialização em que foi possível observar os resultados da aprendizagem obtida em cada sala.

Segue o detalhamento das atividades e das respectivas turmas nas quais o projeto foi realizado.

3.2.1 Atividades realizadas na turma do 2º Ano

- Apresentação da sela e do alfabeto Braille;
- Escrita e comparação das letras do alfabeto, em Braille e em tinta;
- Reconhecimento das posições dos números e letras do alfabeto em Braille;
- Confeção da Sela Braille.

Os alunos dessa turma tiveram a oportunidade de observar, conhecer e ao mesmo tempo auxiliar as crianças com baixa-visão que, neste ano letivo, foram seus colegas de sala. Juntos, todos os alunos independentemente de ter ou não uma deficiência, aprenderem a ler e escrever, afinal, a possibilidade de aprendizagem de leitura e também da escrita não está restrita aqueles alunos que podem ver, pois existem formas dos alunos com deficiência visual lerem, como bem nos esclarece Ardore, Regen & Hoffman (2008):

A criança cega ou com visão subnormal pode aprender a ler e a escrever por meio de um sistema especial chamado Braille, constituído de pontos e relevos que representam as letras do alfabeto e os números. O sistema Braille é lido por meio do tato (ARDORE, REGEN & HOFFMAN, 2008, p. 54).

Assim, conhecer a SELA BRAILLE, que é a base de todo alfabeto tátil, foi uma experiência relevante para turma, pois é um instrumento essencial neste processo de letramento. E além da sela Braille, para alcançarmos esse objetivo, utilizamos música e gestos na apresentação do alfabeto Braille, uma vez que a turma era composta por crianças ainda pequenas. Além disso, construímos um cartaz contendo o formato das letras em Braille e abaixo as letras do alfabeto convencional, para que as crianças pudessem comparar e perceber as diferenças na forma das letras, o que contribuiu para que algumas crianças viessem aprender a sequência do alfabeto que ainda não sabiam.

3.2.2 Atividades realizadas na turma do 3º Ano

-Dinâmica do Guia do Cego: envolvendo alunos cegos, alunos com baixa visão e alunos sem deficiência. Além de motivar a solidariedade entre os colegas, a atividade teve por objetivo ajudá-los a colocar-se no lugar do outro, experimentando dificuldades e aprendizado;

-Pintura vazada das formas geométricas: desenvolvida coletivamente por alunos cegos e com baixa visão, apoiados pela Professora e demais colegas da turma.

Nesta turma, os alunos tinham idade mais avançada e havia ainda um colega com deficiência intelectual, fazendo-se necessário que compreendessem a importância da interação e colaboração de cada um para que o aluno pudesse aprender junto com a eles.

Iniciamos compondo duplas, onde num percurso previamente preparado, um pudesse de olhos vendados guiar o outro e no retorno inverter os papéis. Essa atividade é de suma importância para os alunos que possuem deficiência visual, como enfatiza Sousa (2011):

É fundamental que a criança invisual, aprenda a orientar-se e a deslocar-se sozinha no meio em que vive. Para tal, é necessário levá-la a conhecer este meio, orientando-a na exploração desse espaço e levando-a a conhecer pelo tato a sua localização e a dos diferentes objetos, obstáculos a evitar, portas, janelas, móveis, degraus, etc. (SOUSA, 2011, p.82).

Foi importante ver o cuidado que tiveram para proteger e orientar os colegas, ajudando a desviar dos obstáculos do percurso. Na volta, alguns comentaram o quanto era difícil depender de alguém para andar e que agora passariam ter mais cuidado com os colegas com deficiência. Produzimos ainda figuras geométricas, na sala de aula, desenhos em relevo para serem observados, tocados, reconhecidos e pintados com tinta, por todos os alunos. A aprendizagem foi constatada no decorrer de cada passo da aula, realizada com interesse e alegria por todos.

3.2.3 Atividades realizadas na turma do 4º Ano

- Desenvolvendo práticas de leitura Braille;
- Leitura de livros em Braille contendo histórias inclusivas, evidenciando que pessoas cegas podem ler bem, assim como os demais colegas de sua turma.

Nesta sala, os alunos já dominavam a leitura e escrita, então o estímulo aconteceu a partir de leituras mais extensas e a partir de distintos gêneros textuais, assim como interpretação e reconto de histórias.

Os alunos cegos liam histórias dos livros em Braille para os colegas videntes, que faziam os comentários das histórias e, posteriormente, escreviam seus registros em tinta, para que a professora pudesse avaliá-los. Da mesma forma, os alunos videntes liam histórias ou poemas para os colegas cegos que escreviam em Braille e reliam para turma, juntamente com seus comentários sobre o texto, despertando com isso consciência e, conseqüentemente, ações inclusivas.

A criança com deficiência visual pode contribuir muito no grupo, participando de dramatizações, saraus, ateliês, teatro, dança, e de todos os demais projetos realizados com a turma. Os projetos de elaboração de parlendas, histórias, poesias, músicas criação em argilas, etc. são atividades nas quais as crianças com deficiência visual alcançam sucesso (BRASIL, 2006, p.57).

Vemos que é possível incluir aqueles que possuem deficiência nas atividades. Prova disso é que nas atividades realizadas houve entrosamento, colaboração, interesse e aprendizagem por parte de todos os alunos.

3.2.4 Atividades realizadas na turma do 5º Ano

- Apresentação da sela e demais instrumentos para leitura e escrita Braille;
- Manuseio de reglete e pulsão (instrumentos utilizados para escrita Braille);
- Escrita em Braille, de letras, palavras e frases por parte de alunos que enxergam.

Nesta sala decidimos ensinar a escrita Braille para os alunos videntes. Iniciamos mostrando a partir da sela Braille, que é a base do código tátil, os 6 pontos, a posição e a contagem dos pontos de cada letra e, por fim, oferecemos

uma tabela com os pontos do alfabeto Braille. Em seguida, todos os alunos manusearam a reglete e punção (régua e lápis com que se escreve o Braille). Munidos destes instrumentos, os alunos, inicialmente, preencheram a sela Braille, contando e perfurando os seis pontos e, depois, observando a tabela, escreveram em Braille as letras do alfabeto, os seus nomes e 3 palavras a sua escolha. A correção das atividades produzidas foi realizada pelos alunos cegos. Por fim, todos receberam um pequeno poema escrito em Braille para transcrever com auxílio do alfabeto anteriormente confeccionado por eles e exposto em sua sala. A maior parte dos alunos conseguiu não apenas escrever, mas também ler e transcrever seu poema. Isso só corrobora com o que os documentos oficiais postulam, ao dizer que:

a experiência com letras, jogos e textos variados de diferentes gêneros é fundamental para a criação de um ambiente de letramento. Torna-se importante que a criança com deficiência visual participe coletivamente de todas as atividades de práticas sociais de leitura e escrita com seus colegas de classe (BRASIL, 2006 p. 56).

Além disso, ficou claro que, por parte da turma, havia empenho e interesse na realização das atividades e consideramos válida a interação entre todos os alunos. Destacamos ainda a participação da professora da turma que contribuiu, efetivamente, na medida em que propôs a articulação entre as leituras em Braille e os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Os dados acima revelam, em primeiro lugar, que uma vez conscientes de seu papel, é possível aos educadores contribuir para a remoção de barreiras visando a construção de uma educação efetivamente inclusiva. Para tanto, torna-se necessário adaptar metodologias e materiais e, acima de tudo, acreditar no potencial de nossos alunos com ou sem deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após haver dedicado anos de minha vida a ensinar crianças com deficiência visual numa instituição especializada, sem muitos recursos e ainda com pouca formação, me foi oportunizada a chance de ingressar na academia. No início, não acreditava que valesse a pena, pois observava diversos profissionais que, embora diplomados, pouco sabiam a respeito do que de fato é ensinar na perspectiva da inclusão. Contudo, ao longo do curso, descobri que a possibilidade de somar conhecimento, afeto e ações, poderia contribuir para transformar a educação, tanto para os alunos como para os professores.

Nesse novo processo de aprendizagem, percebi claramente as imensas contribuições que a formação relacionada às questões que envolvem os alunos com deficiência pode trazer para o crescimento de todos os envolvidos nesta tarefa, melhorando significativamente os resultados a aprendizagem escolar.

Ao concluir mais uma etapa em meu processo de formação acadêmica, experimento a sensação do dever cumprido, uma vez que, a cada vivência realizada com os alunos, pude acompanhar sua evolução, sua aprendizagem, enfim, seu crescimento como pessoa.

Este estudo, portanto, é um importante espaço de aprendizagem, especialmente para a autora, pois, na medida em que fomos inovando na forma de construir os conhecimentos, adaptando as atividades, respeitando suas limitações, e valorizando suas potencialidades, pudemos muito cedo colher os frutos de alunos que sonham em ser grandes pessoas no breve futuro, demonstrando que todos são capazes de aprender, mesmo diante de suas limitações.

Aos colegas professores e a todos os que integram a comunidade escolar, proponho a leitura de experiências concretas de dedicação, compromisso e responsabilidade na missão de construir e oportunizar aos alunos a possibilidade de sonhar com um futuro melhor apesar de tudo que os cerca. Falo da certeza de que nosso olhar, nossas palavras e ações podem salvar muitos, razão pela qual não devemos desistir.

Espero, ainda, que essa pesquisa ofereça contribuições aos profissionais da área de educação no sentido de ajudá-los a compreender que, por meio de suas diferenças cada um dos indivíduos, com suas características, alma e missão

particulares e ao mesmo tempo especiais, desempenham um papel importante no mundo. Portanto, penso que, ao invés de diminuir, as diferenças humanas nos acrescentam, engrandecem, nos fazem melhores e mais felizes.

Neste sentido, oportunizar aos futuros professores momentos de afetividade e contato direto com experiências concretas, pode despertar em cada um o novo olhar à educação, que é a única e mais eficaz forma de contribuir para melhoria de nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDORE, Marilene; REGEN, Mina & Vera Maria Bohner, HOFFMAN. **Tenho um irmão diferente... Vamos conversar sobre isto?** APAE: São Paulo, 2008.

BRANDÃO, C. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Educação infantil** : saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação sinalização : deficiência visual. 4. ed. Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Plano Nacional de Educação** – PNE. Ministério da Educação, Brasília, DF: INEP, 2001.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 4024/61. Brasília: Senado Federal, 1961.

_____. _____: nº 5692/71. Brasília: Senado Federal, 1971.

_____. _____: nº 9394/96. Brasília: Senado Federal, 1996.

FERREIRA, Windyz Brazão. Educar na Diversidade: práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular. In: **Ensaio Pedagógicos, Educação Inclusiva**: direito à diversidade. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Brasília, Distrito Federal, 2006.

GLAT, R. (Org.) **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SOUSA, Alberto Barros. **Problemas de visão e atividades pedagógicas** - para inclusão na infantil e no 1º ano. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.